

Fernando Molica

“Annie Hall” permanece desafiador

Rever “Annie Hall”, de Woody Allen, quase cinquenta anos depois de seu lançamento nos faz sentir um pouco como no voo incerto daquela bolinha que percorre a quadra no final de “Ponto final - Match point”. Sabe-se lá onde é que ela vai cair.

Impasse que ficou ainda mais grave a partir da morte da de Diane Keaton, a atriz que encarna a protagonista, personagem por quem quase todos nós nos apaixonamos — ela tinha a cabeça cheia de problemas, não importava, gostávamos mesmo assim.

A constatação de que o longa tem quase meio século chega a ser contraditória com a própria modernidade que ele transmite, uma leitura ao mesmo tempo engraçada e cruel dos impasses tão presentes nos anos 1970 e que, com outras versões, continuam a existir.

“Annie Hall” (o título brasileiro do filme é impublicável) marcou uma virada na carreira de Allen. Foi como se praticamente todos os muitos que vieram a seguir fossem uma variação dos temas principais da hoje quase quinentenária obra-prima.

Como se o diretor, clarinetista e amante

do jazz passasse, desde então, a improvisar sobre uma mesma canção que tratava de impasses amorosos e políticos, angústias profissionais, dificuldades de amadurecimento, impasses intelectuais, perspectiva de velhice, desorientação quanto a papéis masculinos e femininos — o colete e a gravata usados por Annie reforçavam o quanto aparências enganam.

Nos filmes posteriores, Allen ora buscava a mesma alternância entre humor e drama — mais precisamente, uma combinação entre os dois elementos, como no também espetacular “Manhattan” —, ora privilegiava um elemento ou outro. Mas tudo parecia derivado de “Annie Hall”, daí aquela impressão de que todos os filmes pós-1977 são quase capítulos de um seriado.

Em alguns deles, o cineasta reforçava os tons sombrios que remetiam ao ídolo Ingmar Bergman, como “Interiores” e “Setembro”; em outros, focava na comédia, casos de “Tiros na Broadway”, “A Rosa Púrpura do Cairo” e, de certa forma, “Zelig”. De vez em quando, como em “Meia-noite em Paris” e

“Vicky Cristina Barcelona”, recuperava a pegada de “Annie Hall”, e tome de convivência entre gargalhadas e lágrimas da plateia.

Em seus filmes, Allen ressalta que, como no caso de qualquer um de nós, vilões e mocinhos podem existir num mesmo personagem. Deixa claro para o espectador que são provisórios os finais felizes que encerram algumas de suas obras: haverá novas alegrias e tristezas, na tela e fora dela, depois daqueles créditos sóbrios, elegantes e belos como só a combinação de preto e branco é capaz de produzir.

Aos 89 anos, ele permanece produtivo e provocador. Repete em seus filmes motes que celebizou em “Annie Hall” e que brincam com nossos cotidianos becos sem saída. Em um deles frisa que a vida, como a comida de um determinado resort, é ruim, mas bem que poderia ser servida em maior quantidade. O outro é a história do sujeito que reclama de o irmão achar que é uma galinha — dir não o corrigir porque precisa dos ovos que ele põe. Um autoengano que remete às armadilhas do amor.

Josier Marques Vilar*

Empreendedorismo, inovação e liberdade econômica — é o que o Rio precisa

O Rio de Janeiro foi, durante séculos, o centro econômico e cultural do país, tendo se consolidado nesse período como a porta de entrada do Brasil para o mundo.

Aqui surgiram os primeiros bancos, a primeira bolsa de valores, os primeiros empreendimentos de infraestrutura e as bases de um ambiente empresarial moderno. Tudo isso liderado pelo Barão de Mauá, o maior empresário do século XIX, que ergueu seu império a partir do Rio de Janeiro, transformando-se no patrono da ACRJ, a mais antiga associação empresarial do país.

Nas últimas décadas, com a transferência da capital federal para Brasília e da bolsa de valores para São Paulo, o Rio perdeu muito do seu protagonismo econômico e político, que gradualmente vem retomando com a nova cultura do empreendedorismo em construção na cidade e no Estado.

Precisamos todos — sociedade, instituições representantes do setor empresarial, instituições acadêmicas e poder público — trabalhar juntos para que essa necessária e nova cultura do empreendedorismo seja implanta-

da velozmente em nossa cidade e Estado.

Criar essa nova cultura do empreendedorismo garante a prosperidade geradora de empregos e oportunidades, facilita a mobilidade social por meio da criatividade e privilegia a cidadania ao fortalecer a economia local e regional.

Para tudo isso acontecer na velocidade do tempo das mudanças digitais que vivemos, as políticas públicas têm que possuir, no seu DNA, a inovação como estratégia central de desenvolvimento.

Inovação é a palavra-chave para o desenvolvimento regional nesse mundo da inteligência artificial com seus algoritmos.

Criar ecossistemas empresariais colaborativos que transformem o Rio — e, por força centrípeta, o nosso Estado — em um ambiente inteligente, sustentável e inclusivo deve ser o nosso diferencial.

Temos todas as condições de nos transformar em um hub de inovação na América Latina, recuperando, assim, o protagonismo de forma moderna, responsável e totalmente alinhada com os tempos digitais que vivemos. Por isso, a Associação Comercial do Rio

de Janeiro defende a liberdade econômica que simplifique a sufocante burocracia estatal e dê garantia jurídica e previsibilidade nos contratos, estimulando investimentos e o aumento de produtividade pela inovação e incorporação tecnológica às indústrias fabris, de serviços e do conhecimento que atuem no Rio de Janeiro.

Cada vez mais o Rio de Janeiro se afirma como um território fértil para se empreender com segurança jurídica, liberdade econômica e responsabilidade social e ambiental.

A ACRJ tem mantido seu compromisso secular, inspirada no legado do Barão de Mauá, com a defesa da livre iniciativa, o estímulo à inovação transformadora e o fortalecimento da cultura empreendedora no Rio de Janeiro.

Esses são os caminhos inexoráveis que o Rio de Janeiro precisa trilhar para ser cada vez mais um lugar atrativo e seguro para se viver, trabalhar, empreender, investir e visitar.

***Presidente da Associação Comercial
boa tardedo Rio de Janeiro**

Sérgio Cabral*

Trump e as Américas

O presidente Donald Trump estreou seu mandato, esse ano, com o anúncio de que o Canadá iria se tornar o 51º estado dos Estados Unidos. Suas informações de pesquisas canadenses e do partido da direita, eram que essa declaração facilitaria a vitória do partido de extrema direita canadense nas eleições parlamentares; bola fora! Venceu para o cargo de primeiro-ministro do Canadá Mark Carney, líder do Partido Liberal do Canadá, cujo viés é de centro no espectro político do país, e que fez, durante a campanha, duras críticas a essa loucura aventada por Trump.

Na semana passada, o governo da província de Ontário, no Canadá, postou um antigo vídeo em que Ronald Reagan, presidente dos EUA de janeiro de 1981 a janeiro de 1989, faz duras críticas às altas taxas de impostos nas relações comerciais entre países. Indignado com a postagem, Trump anunciou elevar as tarifas aos produtos canadenses de 25% para 35%. Reagan é um ícone da direita americana e ídolo de Trump.

Além de fustigar o seu vizinho ao norte, Trump partiu pra dentro do vizinho ao sul, o México. Esbarrou com uma mulher de forte personalidade e estadista, a presidente Claudia Sheinbaum. Claudia já havia governado a Cidade do México, cargo equivalente ao de governador de estado, entre 2018 e 2023. Deu um forte “chega pra lá” no vizinho falcão. E Trump “baixou a bola” com o México.

Sob o pretexto do combate aos cartéis do tráfico de drogas, agrediu de maneira estúpida o presidente colombiano, Gustavo Petro, chamando-o de traficante, sem apresentar nenhuma prova contra o chefe de estado. Além de explodir barcos colombianos no Pacífico, supostamente de traficantes.

Tenho pavor de Maduro e de sua gangue.

Desde Hugo Chaves, a Venezuela vive o caos. Um regime autoritário e que já levou ao êxodo de 8 milhões de venezuelanos na última década, segundo as Nações Unidas. Entretanto, nada justifica o ataque incessante às embarcações venezuelanas, explodindo-as, sem que ninguém saiba as identidades dos que se encontravam dentro dos barcos. Além dos Estados Unidos ter todo o aparato para abordar essas embarcações e realizar as prisões necessárias no caso de se confirmar como traficantes. Mas não. Explodem os barcos e divulgam os vídeos ao mundo, numa exibição bélica, cujo objetivo é intimidar os países latino-americanos. A exibição ganha ares de uma possível invasão à Venezuela com a presença de navios de guerra, milhares de militares e a chegada do maior porta-aviões do mundo, o Gerald Ford. Como assim? Não é possível que, porque o regime venezuelano é horrroso, a opinião pública internacional irá ser condescendente com tal abuso do governo norteamericano. E com as graves consequências de perdas de vida que isso pode gerar na Venezuela.

Trump recebeu o presidente argentino, Javier Milei, liberou 20 bilhões de dólares ao país, e condicionou as possíveis ajudas futuras à Argentina à vitória de seu aliado nas eleições parlamentares, realizadas ontem. Declaração de um déspota. Sem respeito nenhum às regras básicas da diplomacia internacional.

Por aqui não foi diferente. Constrangeu ministros do STF com retaliações vis. Além de membros do Ministério da Saúde. Foi extremamente grosseiro com o presidente Lula e implementou taxas altíssimas para uma lista de produtos brasileiros exportados aos Estados Unidos. Deu com a cara na parede. Não contava ter o Brasil uma democracia sólida, com instituições fortes e uma sociedade

comprometida com a democracia e a nossa soberania. Ontem, Trump e Lula tiveram seu primeiro encontro civilizado, na Malásia. Com suas respectivas equipes, o encontro durou 50 minutos e se abriram negociações em relação às absurdas tarifas impostas a produtos brasileiros, como café e carne, como também a revisão de sanções surreais a autoridades do judiciário e do executivo brasileiros.

Trump é tudo, menos um estadista à altura do poder e da representação que os Estados Unidos desempenham no mundo democrático. Desde 20 de janeiro se vê um animador de auditório que detém, naturalmente, a atenção midiática pelo tamanho norteamericano no mundo. Mas que de concreto pouco fez internamente, em seu país. Há ameaça inflacionária nos Estados Unidos, pelas altas tarifas impostas aos seus parceiros comerciais e, como decorrência, aumentos nos preços dos produtos consumidos pelo povo americano. “Tornar a América Grande Novamente” tinha um sentido claro, quando Ronald Reagan lançou o slogan. Época dos estertores da Guerra Fria, com o bloco autoritário comunista virando pó. Reagan e Margaret Thatcher lideraram, juntos com o Papa João Paulo II, a derrocada da União Soviética e seus países satélites.

Hoje, a realidade é outra. A China, com seu capitalismo de estado, se tornou o mais forte parceiro comercial de inúmeras nações no mundo. A América Latina, com todas as suas dificuldades, tem a maioria de seus países no sistema democrático, e não será no grito que Trump irá fortalecer os Estados Unidos na região.

***Jornalista. Instagram:
@sergiocabral_filho**

EDITORIAL

Trump e Lula aparando as arestas

Mais do que uma conversa, foi o primeiro aceno de reconciliação. Se a política entre Trump e Lula não estava nada boa em virtude das tarifas comerciais, o encontro na Malásia serviu para tentar aparar as arestas e achar um denominador comum no comércio e na política dos dois países.

Há décadas, Brasil e Estados Unidos são parceiros comerciais e caminham juntos em várias frentes globais. Por mais que os interesses políticos de um presidente ou de outro mudem, nunca os objetivos globais das duas nações vieram a ser antagônicos como agora.

Trump e Lula têm pensamentos distintos, mas precisam se alinhar para deixarem isso de lado e fazerem uma corrente única em prol do melhor para o Brasil e para os Estados Unidos.

Os setores industriais e o agronegócio devem estar de olho nas consequências dessa reunião. Os dois, afinal, são os principais mercados exportadores do Brasil para os Estados Unidos e viram a balança comercial cair depois das tarifas, na busca por novos mercados e de novos consumidores. Mesmo que a tarifa venha a continuar, mas

em um percentual mais ameaçador, a chance dos volumes comerciais voltarem é grande, com empresas e produtores voltando a se interligarem novamente.

Outro assunto que deve entrar em pauta é o político, com as sanções e vistos cancelados de alguns brasileiros, por retaliação à conduta judicial ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Esse pode ser mais complicado para Lula resolver, mas nada deve ser tratado como impossível, depois do gelo entre os dois ter sido finalmente quebrado.

Trump pode ter esse jeito duro e firme de lidar com os assuntos, mas, como bom empresário, sabe muito como negociar as coisas a seu favor. E isso ele levará em consideração em qualquer rodada de conversas. Lula também não é um neófito. Está no terceiro mandato presidencial e sabe como lidar com essas situações. Para o bem de todos, que essa primeira tenha sido uma conversa para criar pontes e fazer com que Brasil e Estados Unidos voltem a ser grandes aliados de outrora, independente do poder político que venha a estar no poder de ambos.

Cidades são museus

Quando bem preservadas, as cidades se tornam um presente histórico para seus moradores. São verdadeiros museus que as pessoas podem percorrer de graça, fruindo de todo o seu passado, conhecendo suas raízes e tradições.

Nesse sentido, viver em Brasília é um privilégio. Patrimônio da Humanidade, Brasília é tombada e qualquer intervenção só pode ser feita após muito estudo e com autorização.

Resulta que caminhar por Brasília é como percorrer um museu e entender os traços e convicções artísticas que marcavam o mundo no início da segunda metade do século passado. Os conceitos do modernismo nos traços de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, que se associam também aos conceitos de demo-

cracia, liberdade e igualdade da época.

Essa associação resultou na criação de uma cidade sem muros. Aberta. Ampla. Repleta de espaços comuns, parques, áreas arborizadas.

Claro, a realidade infelizmente impôs algum abismo entre o sonho idealizado e a situação de fato. Não é preciso andar muitos quilômetros para perceber que todos esses conceitos não permanecem da mesma forma na periferia. Que a igualdade e a amplitude não são exatamente a realidade das populações mais pobres.

Mas mesmo isso faz da cidade um museu. A partir dos erros e acertos de Brasília é possível estudar e compreender o que se passou nos últimos anos neste país tão complexo e desigual chamado Brasil.

Opinião do leitor

Genérico

Metade dos médicos não confia em remédio genérico. 83% dos consumidores consideram os medicamentos genéricos tão bons quanto os produtos de marca, mas 42% dos profissionais de saúde não têm o hábito de prescrevê-los, revela pesquisa.

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.